

Impactos psicológicos do ageísmo em idosos e estratégias para prevenção: estudo de revisão

Psychological impacts of ageism on the elderly and prevention strategies: review study

Impactos psicológicos del ageísmo en los ancianos y estrategias de prevención: estudio de revisión

Daniel Mateus de Barros Cervera¹ 

Maria Luiza Gava Schmidt² 

¹Autor para correspondência. Faculdade de Ciências e Letras (Assis). São Paulo, Brasil. daniel.cervera@unesp.br

²Universidade Estadual Paulista (São Paulo). São Paulo, Brasil. mlschmidt@uol.com.br

RESUMO | OBJETIVOS: Identificar, reunir e sistematizar múltiplas publicações sobre o tema de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento sobre o impacto psicológico do ageísmo em idosos. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão de literatura realizada por meio de pesquisa bibliográfica, nas bases de dados da SciELO, abrangendo estudos nacionais e internacionais publicados no período de 2009 a 2019, com termos de busca nos idiomas português e inglês. **RESULTADOS:** Foram identificados 928 artigos, dos quais foram selecionados 45, agrupados em duas categorias de análise: principais impactos psicológicos e estratégias para prevenção do ageísmo em idosos. **CONCLUSÃO:** Os impactos psicológicos podem desencadear aspectos positivos e negativos na esfera cognitiva e afetiva, e evidenciaram-se estratégias tanto individuais como sociais para prevenção do ageísmo em idosos.

PALAVRAS-CHAVE: Idosos. Estereótipos (Psicologia). Discriminação.

ABSTRACT | OBJECTIVES: To identify, gather and systematize multiple publications on the subject in a systematic and orderly manner, contributing to the deepening of knowledge about the psychological impact of ageism in the elderly. **METHODS:** This is a literature review carried out through bibliographical research, in SciELO databases, covering national and international studies published from 2009 to 2019, with search terms in Portuguese and English. **RESULTS:** 928 articles were identified, from which 45 were selected, grouped into two categories of analysis: main psychological impacts and strategies for preventing ageism in the elderly. **CONCLUSION:** Psychological impacts can trigger positive and negative aspects in the cognitive and affective sphere, and both individual and social strategies were evidenced to prevent ageism in the elderly.

KEYWORDS: Aged. Stereotyping. Discrimination.

RESUMEN | OBJETIVOS: Identificar, recopilar y sistematizar múltiples publicaciones sobre el tema de manera sistemática y ordenada, contribuyendo a la profundización del conocimiento sobre el impacto psicológico de la discriminación por edad en el adulto mayor. **MÉTODOS:** Se trata de una revisión de la literatura realizada a través de una investigación bibliográfica, en bases de datos SciELO, que abarca estudios nacionales e internacionales publicados de 2009 a 2019, con términos de búsqueda en portugués e inglés. **RESULTADOS:** Se identificaron 928 artículos, de los cuales se seleccionaron 45, agrupados en dos categorías de análisis: principales impactos psicológicos y estrategias para prevenir la discriminación por edad en el adulto mayor. **CONCLUSIÓN:** Los impactos psicológicos pueden desencadenar aspectos positivos y negativos en el ámbito cognitivo y afectivo, y se evidenciaron estrategias tanto individuales como sociales para prevenir la discriminación por edad en las personas mayores.

PALABRAS CLAVE: Adultos mayores. Estereotipos (Psicología). Discriminación.

Submetido 21/12/2021, Aceito 15/09/2022, Publicado 17/10/22

Rev. Psicol. Divers. Saúde, Salvador, 2022;11:e4349

<http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.2022.e4349>

ISSN: 2317-3394

Editoras responsáveis: Mônica Dalto, Marilda Castelar

Como citar este artigo: Cervera, D. M. B., & Schmidt, M. L. G. (2022).

Impactos psicológicos do ageísmo em idosos e estratégias para prevenção: estudo de revisão. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 11, e4349. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.2022.e4349>



Introdução

De acordo com [Vieira](#) e Lima (2015), “os idosos são cada vez mais representativos na sociedade, seja no exterior ou em nosso país, e suscitam discussões sobre o modo como são concebidos” (p. 947). [Rozendo](#) (2016) considera que “Mesmo com o grande reconhecimento do idoso em diversos cenários sociais, pautas importantes vinculadas ao envelhecimento populacional ainda não estão sendo devidamente discutidas. Uma dessas pautas é o do Ageismo (ou Idadismo), uma forma comum de discriminação contra idosos” (p. 80).

Estudos revelam que há uma tendência na população em geral em “apresentar imagens negativas da velhice (por exemplo, doentes, dependentes, senis, anti-quados, aborrecidos)” ([Sousa](#) & Ribeiro, 2013, p. 867).

[Teixeira](#), Souza e Maia (2018), mediante estudo de revisão acerca da institucionalização do ageismo, descrevem que “no cenário brasileiro, o preconceito contra os idosos ou ageismo, apresenta-se com frequência de forma implícita, sutil e institucionalizada” (p. 139). [Ferreira](#), Leão e Faustino (2020) atentam para as diversas vulnerabilidades na construção de políticas públicas do envelhecimento e apontam que:

A rápida transição demográfica experimentada no Brasil em comparação com países europeus faz com que haja em caráter de urgência o desenvolvimento de políticas públicas para lidar com o envelhecimento da população. Crises econômicas, financeiras e políticas sucessivas que o país atravessou desde o início do século XX repercutem até o presente momento. Tentativas foram realizadas para ampliar o olhar sobre o envelhecimento, sob a ótica de outros atores sociais. A Lei que instituiu o Conselho do Idoso foi um exemplo disto. A alteração com o decreto de 2019 reduziu seu poder deliberativo. Além de todo esse cenário, soma-se o ageismo da sociedade brasileira e percebe-se, portanto, diversas vulnerabilidades na construção de políticas públicas que pensem o envelhecimento. ([Ferreira](#) et al., 2020, p. 5)

Vale ressaltar que o ageismo oferece resultados maléficis para idosos – pois “propagar que o idoso está na idade do descanso, ou que na velhice o desejo sexual declina, são exemplos claros e frequentes desse preconceito que passa despercebido e que, por vezes, é internalizado pelo idoso, direcionando suas ações” ([Teixeira](#) et al., 2018, p. 140).

Curioso é que a maior parte das pessoas idosas, sem qualquer indagação, deixa-se submeter a esses tratamentos preconceituosos. Tal situação permite identificar consequências: de um lado, o quanto do preconceito manifesto na língua faz decorrer a muitos idosos a discriminação familiar, social, na área da saúde, do trabalho, dentre outras, e como isso pode afetar sua subjetividade, trazendo-lhe efeitos negativos (de baixa autoestima, de total precariedade, de sentimentos de insegurança pela perda de sua posição na família e na sociedade). ([Sousa](#), [Lodovici](#), [Silveira](#), & [Arantes](#), 2014, p. 872)

Na opinião de [Goldani](#) (2010a), há diferenças entre discriminação e ageismo por idade. Segundo essa autora, na discriminação o idoso é simplesmente excluído tomando a idade como fator principal, ao passo que o segundo é caracterizado por atitudes atribuídas pelos indivíduos e pela sociedade para os outros em razão da idade. Os estereótipos negativos associados a trabalhadores mais velhos podem comprometer a permanência deles no mercado de trabalho pelo fato de se sentirem “ultrapassados” e “adoecidos” ([Marques](#), [Batista](#), & [Silva](#), 2012; [Rudman](#), 2015).

[Levy](#) (1996) demonstrou que estereótipos negativos sobre a velhice são capazes de diminuir a motivação, o desempenho cognitivo e o senso de autoeficácia de idosos. Além disso, os estereótipos por idade também podem implicitamente (sem consciência) afetar pensamentos, sentimentos e comportamentos ([Levy](#) & [Banaji](#), 2002).

[Alcover](#) (2012) atenta para a emergência do sofrimento provocado pelo ageismo nas organizações de trabalho, sobretudo entre os trabalhadores mais velhos, pelo fato de serem eles mais afetados pelas inseguranças e incertezas vivenciadas nessas situações. Sofrimento que produz efeitos negativos na saúde física e mental das pessoas idosas conforme identificado por [Burnes](#) et al. (2019). Em vista disto, concordamos que:

é imprescindível criar ou desenvolver estratégias de aproximação da população na construção e reforma das políticas públicas já existentes, a fim de dar a elas dinamicidade o mais próximo possível daquela orgânica à nossa grande velocidade atual de transformações demográficas, sociais e econômicas. Repensar a regulação social na ação pública ligada ao envelhecimento é preciso. ([Ferreira](#) et al., 2020, p. 6)

Mediante estas concepções, ressaltamos a relevância social do tema para justificarmos o aprofundamento teórico do fenômeno do ageismo em relação à população idosa. Este estudo visou realizar uma pesquisa bibliográfica em base de dados científica sobre os impactos psicológicos do ageismo em idosos e estratégias utilizadas para prevenção no período de 2009 a 2019.

Método

A presente pesquisa na base de dados foi realizada de outubro de 2020 a fevereiro de 2021, sendo constituída de estudo de revisão de literatura com a finalidade de identificar, reunir e analisar múltiplas publicações sobre o tema de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento sobre a temática. Essa revisão abrangeu estudos nacionais publicados entre 2009 e 2019, em português e inglês, na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Esta base foi escolhida por agregar dados científicos nacionais e internacionais consistentes. Foram utilizados os descritores controlados nos dois idiomas: português (ageismo, estereótipos, preconceito, idosos) e inglês (*ageism, stereotypes, prejudice, elderly*).

Foram excluídos teses, dissertações, artigos repetidos, de revisão e teóricos encontrados na base pesquisada. Inicialmente, foi realizada a catalogação dos artigos científicos encontrados e a formação do banco de dados, sendo extraídos os artigos que não possuíam qualquer aderência com a pesquisa. Posteriormente, foi realizada a organização dos artigos para o atingimento do objetivo da pesquisa.

Resultados e discussão

No período de 2009 a 2019 foram identificados 928 artigos. Deste total, com a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão foram selecionados na base de dados Scielo 45 artigos, sendo 11 teóricos e 34 empíricos. Foram excluídos: artigos de revisão, artigos repetidos, teses, dissertações, editoriais, e também

os que não atenderam o foco e escopo dos objetivos da pesquisa.

Tomando como referência o conteúdo dos artigos selecionados foi possível agruparmos os resultados em duas categorias de análise: principais impactos psicológicos provocados pelo ageismo em idosos; estratégias para prevenção do ageismo em idosos.

Principais impactos psicológicos provocados pelo ageismo em idosos

[Dionigi](#) (2015) descreve que os estereótipos (positivos e negativos) podem ter efeitos sobre as ações, o desempenho, as decisões, as atitudes e ainda sobre a saúde do idoso. Os impactos psicológicos do ageismo em idosos podem desencadear aspectos positivos e negativos tanto na esfera cognitiva como na afetiva. No que tange aos aspectos negativos, um dos fatores pode estar relacionado ao declínio da performance diante de tarefas cognitivas após a exposição a estereótipos negativos do envelhecimento ([Levy](#), 1996; [Levy & Langer](#), 1994). Estereótipos negativos acerca da velhice, transmitidos socialmente, podem ainda enfraquecer a vontade de viver de idosos ([Levy](#), [Ashman](#), & [Dror](#), 2000). Na esfera afetiva o sentimento melancólico associado ao envelhecimento é um dos impactos psicológicos que impactam o bem-estar dos indivíduos ([Goldani](#), 2010b).

Manifestações positivas de ageismo vinculadas a estereótipos positivos em idosos estão associadas à sabedoria e à maturidade ([Couto](#), [Koller](#), [Novo](#), & [Soares](#), 2009), por exemplo, identidade social ligada à maturidade e acumulação de competências ([Daniel](#), [Simões](#), & [Monteiro](#), 2012) e também a melhores performances de memória [Levy](#) (1996). [Daniel](#) et al. (2012) identificaram como aspectos positivos a experiência de vida.

Dentre os impactos psicológicos provocados pelo ageismo, estudos apontam que a discriminação sofrida pode ser fonte indutora de estresse. No entanto, a pesquisa de [Couto](#) et al. (2009) identificou o nível de estresse inferior a um (numa escala que variou de 0 a 2). Os autores consideram que este resultado “pode indicar que apesar de já terem experimentado discriminação, nesses casos, os participantes não a avaliaram como um evento gerador de médio ou alto grau de estresse” (p. 515).

De acordo com [Couto et al. \(2009\)](#) “mesmo em situações de envelhecimento positivo podem ocorrer experiências negativas que, ao serem vividas repetidamente, poderão ter efeitos cumulativos e conduzir ao isolamento” (p. 510). A pesquisa de [Daniel et al. \(2012\)](#) identificou como as evocações mencionadas como modais referem-se a aspetos negativos, de características físicas (rugas) e isolamento e perda de rede (solidão).

Dentre os impactos psicológicos vale destacar a marca identitária ocasionada pelo sentimento de dependência, decorrentes de estereótipos que estão associados à falta de capacidade funcional, e que são, por sua vez, uma forma de violência sobretudo devido ao fato do idoso ser tratado como criança e infantilizado nas interações sociais ([Martins & Rodrigues, 2004](#); [Serra, 2010](#)).

Estas formas de violência simbólica, dificilmente percebidas e reconhecidas como tal, persistem porque são praticadas em nome do carinho e do bem cuidar. Assentam num leque de estereótipos idadistas negativos, que acentuam a dependência, o corte com os papéis sociais (e sexuais) passados, a falta de autonomia, a demência etc. ([Daniel et al., 2012, p. 19](#))

Ainda, em termos de violência simbólica, [São José e Teixeira \(2014\)](#) atentam para o discurso do envelhecimento ativo (EA), entendido por eles como “insultuoso”, especialmente nas situações em que “as pessoas idosas são ‘obrigadas’, por necessidade, a manterem-se inseridas no mercado de trabalho com consequências negativas para as suas condições de saúde” (p. 48).

Dificilmente poderemos esquecer as dramáticas consequências de uma problematização do envelhecimento ativo que escamoteia os mecanismos e processos que convergem para a percepção de problemas sociais como problemas individuais, veiculando uma tendencial representação social do envelhecimento como uma conceituação formal que traduz significações ancoradas no passado. ([Daniel, Caetano, Monteiro, & Amaral, 2016, p. 362](#))

Essas concepções evidenciam que o ageísmo, acionado no inconsciente, caracteriza diferentes formas de discriminação, cuja opressão vivida faz emergir como problemática das relações entre velhice e subjetividade ([Castro, 2016](#)). Dentre os impactos psicológicos sofridos pelos idosos, a perda de laços sociais surge como um problema central que afeta o bem-estar.

Embora a velhice possa “simbolicamente receber a conotação positiva da sabedoria e do legado da tradição e da memória, embora talvez com maior frequência esteja associada ao declínio, a várias formas de dependência e ao ostracismo social” ([Castro, 2016, p. 86](#)). Outro aspecto importante diz respeito à autonomia, especialmente a falta desta que produz sentimentos de dependência.

Sendo a autonomia um atributo idealizado como indispensável, a eventual incapacidade de cuidar de si se torna constrangedora por gerar uma situação de dependência em relação a outra pessoa mais jovem e apta, tal como um membro da família ou profissional especialmente contratado para este fim. ([Castro, 2016, p. 86](#))

Vale destacar que “a retirada da autonomia é uma forma de violência por parte dos familiares quando não respeitam a capacidade do idoso em gerenciar a própria vida” ([Wanderbroocke & Moré, 2012, p. 439](#)). [Resende et al. \(2010\)](#), em pesquisa com idosos, verificaram que quanto mais os participantes experienciam afetos negativos, tornam-se cada vez mais resilientes.

As correlações indicaram que quanto maior a idade, maior a resiliência apresentada por ideias de independência e determinação; quanto maior o tempo no grupo, maior a vitalidade; quanto maior a percepção de suporte social, maior o número de afetos positivos experimentados; quanto mais sentimentos positivos apresentam, maior o nível de satisfação com a vida. ([Resende et al., 2010, p. 591](#))

Impactos psicológicos também estão relacionados ao sofrimento que idosos enfrentam vinculados aos estigmas e estereótipos socialmente construídos em relação à doença HIV/AIDS, devido ao conjunto de preconceitos vinculados à doença. Dentre os aspectos de sofrimento psicológico foram identificados o “medo de conviver com as pessoas em função das possibilidades de rejeição e discriminação; as experiências de isolamento; as dúvidas sobre suas possibilidades de realização das atividades cotidianas e sentimentos de inferioridade” ([Silva et al., 2015, p. 831](#)).

Mediante estas concepções, os estudos confirmam que o bem-estar subjetivo em idosos está relacionado ao envelhecimento saudável associado ao “equilíbrio da capacidade funcional, da função cognitiva, da memória, da felicidade, da autonomia, do estilo de vida, da construção individual e da dinâmica afetiva e social” ([Mantovani, Lucca, & Neri, 2016, p. 220](#)).

Estratégias para prevenção do ageísmo em idosos

Os estudos evidenciaram estratégias tanto individuais como sociais para prevenção do ageísmo em idosos.

Estratégias individuais

De acordo com [Daniel](#), Antunes e Amaral (2015), “representação da velhice é uma concepção que se plasma na identidade das pessoas idosas enquanto elementos da sociedade e na sua própria percepção enquanto grupo” (p. 295). Desse modo, os autores concebem que “existem diferentes formas de envelhecer, individualmente, e, principalmente, diferentes formas de encarar a velhice” ([Daniel](#) et al., 2015, p. 295). A pesquisa de [Resende](#) e Neri (2009) mostrou que “a pessoa com melhor ajustamento pessoal parece ter também maior perspectiva positiva de envelhecimento” (p. 775). Segundo [Fortes-Burgos](#), Neri e Cupertino (2009), os eventos que afetam o bem-estar psicológico também estão “relacionados ao ajustamento pessoal na velhice, expressos em termos de ameaça ao senso de significado, sentimentos de solidão, problemas de saúde mental reais ou presumidos e crise espiritual” (p. 71). A pesquisa de [Araújo](#), Sá e Amaral (2011) sobre as representações sociais do corpo na perspectiva de homens, identificou que a maioria dos participantes

adota uma certa impessoalidade com relação ao corpo que não envolve aspectos de autoestima, e que resume a simbologia do corpo aos fatores ligados à saúde, consequência da forma contraproducente de valorização do corpo no contexto psicossocial, no qual se idealizam padrões estéticos ligados à beleza que são agravados pela perda da força física e pela decadência de energia. (p. 469)

Autores têm identificado estratégias de proteção que idosos utilizam para lidar com situações de discriminação, como [Crocker](#) e Major (1989), [Wentura](#), Dräger e Brandtstädter (1997) e [Pinquart](#) (2002). Dentre os mecanismos protetivos, [Crocker](#) e Major (1989) avaliaram três. Um dos mecanismos consiste em o indivíduo atribuir ao seu grupo as respostas sociais negativas (preconceito) ao invés de atribuí-las a si próprio. Outro seria utilizar estratégias de comparação de resultados pessoais com os resultados de indivíduos que pertencem ao mesmo grupo. E ainda um outro mecanismo seria de proteção a sua autoestima, ou seja, quando o indivíduo desvaloriza atributos que

não são desempenhados plenamente pelo grupo e valorizar aqueles que o são.

As implicações negativas do ageísmo também podem ser amenizadas mediante a estratégia denominada “ilusões positivas”. “As pesquisas sobre ilusões positivas sugerem que julgar a si mesmo de modo mais favorável do que fazê-lo por meio de fatores ou indicadores objetivos é uma forma de promover o bem-estar subjetivo” ([Batistoni](#) & Namba, 2010, p. 738).

Trabalhos manuais fortaleceram a autoimagem e, assim como a socialização, são atividades que minimizam eventuais impactos decorrentes do envelhecimento, evidenciando a arte como uma valiosa ferramenta na recuperação biológica, psicológica, social e imunológica para idosos ([Guedes](#), Guedes, & Almeida, 2011).

Estratégias sociais

[Freeman](#) et al. (2016) concebem que a redução das percepções negativas em relação ao envelhecimento é possível mediante intervenções que ativem percepções positivas do processo de envelhecimento embasadas em mudança nas políticas, campanhas públicas e programas de educação comunitária, que certamente irão contribuir para diminuir a ansiedade entre os idosos.

De acordo com [Couto](#) et al. (2009), o combate ao ageísmo deveria focar em mudanças de crenças sociais e de atitudes relativas a idosos. [França](#), Silva e Barreto (2010) e [Zanon](#), Alves e Cardenas (2011) ressaltam a importância da implantação dos programas intergeracionais para a quebra de preconceitos frente ao envelhecimento (ageísmo), caracterizando assim uma estratégia interventiva uma vez que estes programas buscam o desenvolvimento de atitudes que possam estimular a solidariedade e cidadania na sociedade contemporânea conforme descrevem os autores. A intervenção socioeducativa mediante as relações intergeracionais também é defendida por [Silva](#) e Junqueira (2013).

[Castro](#) (2016) destaca que em decorrência do embotamento afetivo em relação às pessoas mais velhas torna-se relevante a invenção de “novas formas de convívio e cooperação entre gerações; novas maneiras de ser, viver e valorizar a maturidade” (p. 88). A pesquisa de [Almeida](#), Madeira, Arantes e Alencar (2010)

identificou que “os idosos que participam de grupos de convivência apresentam melhor qualidade de vida e menor ocorrência de depressão quando comparados a idosos que não participam de grupos de terceira idade” (p. 440). Além disto “o convívio em grupos de convivência ou de idosos é um espaço importante para desencadear, tanto na pessoa idosa quanto na comunidade, uma mudança comportamental diante da situação de preconceito que existe nesta relação” (Rizzolli & Surdi, 2010, p. 226). Ademais, as atividades em grupo se configuram num lugar de “ressocialização de idosos, para que a imagem de velhice sofrida, monótona e estereotipada seja substituída pela imagem de velhice sem sofrimento, com saúde e autonomia” (Andrade et al., 2014, p. 46).

em um espaço privilegiado para a constituição de redes de apoio, estabelecimento e ampliação de vínculos afetivos; reflexão e conscientização das determinações do processo saúde-doença; organização e mobilização para o efetivo controle social; além de ser um espaço de ensino-aprendizagem, orientação, intervenção e educação em saúde. (Combinato et al., 2010, p. 558)

No entanto, esta participação social de extrema relevância pode ser comprometida devido às barreiras existentes no transporte público que impactam na “mobilidade externa de idosos que já possuem algum grau de mobilidade reduzida, repercutindo sobre a capacidade de interagirem de forma independente pela cidade e diminuindo atividades sociais e de bem-estar” (Santos, Silva, Velloza, & Pompeu, 2017, p. 173).

Como estratégia protetiva ao ageísmo, as atividades que visem à promoção de encontros entre diferentes gerações que viabilizem os contatos intergeracionais são relevantes. Ferreira e Alves (2011) apontam para “um novo paradigma na área da gerontologia, que possibilita afirmar que a internet pode inserir o idoso socialmente no mundo contemporâneo, abrindo-lhe novas possibilidades de criar laços de amizade e interações sociais” (p. 710).

Concordamos com Goldani (2010b) que “reconhecer o preconceito etário como um problema é o primeiro passo para eliminá-lo” (p. 428). “Diversos estudos sobre estereótipos com estudantes universitários mostram que as pessoas idosas são percebidas mais frequentemente a partir de uma

imagem negativa do que com estereótipos positivos” (Gutiérrez & Mayordomo, 2019, p. 62). Nesta perspectiva, uma estratégia preventiva profícua diz respeito à “Educação Gerontológica”. De acordo com Zanon et al. (2011), esta “pode fazer a diferença para os jovens no entendimento e no relacionamento com os idosos em casa, na comunidade e na sociedade em geral, e contribuir ainda para que envelheçam melhor e com mais qualidade de vida” (p. 564). Por isto, autores defendem a importância de “levar mais informações para as escolas com intuito de formar cidadãos mais conscientes, desde a educação primária à profissional, para criarem uma reflexão mais crítica a casos em sua maioria omissos” (Araújo, Amaral, Sá, Azevedo, & Lobo Filho, 2012, p. 110).

Vieira e Mello-Carpes (2013) também ressaltam “a importância de se investir em estudos de conscientização para eliminar preconceitos e estereótipos comuns às pessoas em relação a essa etapa da vida” (p. 705). Esta forma de intervenção é promissora, uma vez que a representação da velhice é considerada uma construção social, que “traduz uma conceptualização negativa induzida pela consciência coletiva da sociedade marcadamente caracterizada por uma ideia do envelhecimento enquanto figuração do fim da vida ativa” (Daniel et al., 2015, p. 296).

Na opinião de Ferreira, Maciel, Silva, Sá e Moreira (2010), uma educação para a velhice ocorre na construção social de uma imagem mais positiva do envelhecimento, nos contextos da família, escola e trabalho. De acordo com esses autores, o ambiente familiar propicia apoio e espaço para convivência, aspectos primordiais para o envelhecimento saudável. No contexto escolar os encontros intergeracionais são promissores para favorecer a inclusão do idoso. E no ambiente de trabalho, devem ser respeitadas as experiências adquiridas no decorrer da vida, sendo também importante a valorização das capacidades e habilidades profissionais.

No que tange às relações de idosos com o trabalho, é fato que “há um ageísmo presente em nossa cultura. Os valores da aposentadoria, geralmente insatisfatórios, não garantem, principalmente às camadas mais pobres, bem-estar social” (Schuck & De Antoni, 2018, p. 7). Considerando que os estereótipos etários positivos são muito consistentes no pensamento social,

seria possível fomentar ações, seja através da mídia, de políticas públicas ou nos discursos da vida diária, que estimulem essa imagem do idoso sábio e experiente. Para os idosos, perceber o próprio grupo de forma tão homogênea pode ser um meio de investir na coesão do grupo e manter uma identidade social positiva com base nas características inquestionáveis: sabedoria e experiência (Torres, Camargo, & Bousfield, 2016).

Os idosos sofrem com estereótipos negativos, julgamentos e preconceitos impostos pela própria família e pela sociedade em relação a sexualidade (Uchôa et al., 2016). “As Representações Sociais da velhice LGBT são, em sua maioria, carregadas de estigmas negativos e preconceito” (Salgado et al., 2017, p. 155). De acordo com Bastos et al. (2012), “aspectos relacionados à sexualidade dos idosos brasileiros ainda são pouco conhecidos, e envolvem mitos e preconceitos a serem superados” (p. 87). “A visão sobre a velhice e o envelhecimento; as temáticas da sexualidade e das práticas sexuais, especialmente em idosos, seguem como desafios para a atuação em saúde e promoção da saúde da pessoa idosa” (Cassette et al., 2016, p. 742). Uma vez que “o sexo é considerado importante por grande parte dos idosos, tema que poderia ser abordado mais amplamente por profissionais da saúde” (Bastos et al., 2012, p. 87).

Em vista disto, a literatura aponta para a importância da capacitação das práticas profissionais com ações de formação permanente em saúde, implantação de políticas públicas sobre a promoção de saúde da pessoa idosa, que são estratégias que podem interferir nos estereótipos, estigmas e preconceitos nas práticas em saúde de idosos. Segundo Roncon, Lima e Pereira (2015) a intervenção para a promoção da saúde dos idosos institucionalizados requer profissionais técnicos mais sensibilizados para a identificação de situações de sofrimento psicológico e encaminhamento para o tratamento correto.

Deste modo, o papel da equipe multi e interdisciplinar nos programas de atenção à saúde do idoso é essencial, pois, além do acesso a condições de saúde adequadas, proporciona o atendimento integral às necessidades dos idosos, incentivando a manutenção de uma vida saudável, com atividades prazerosas,

alternativas e motivadoras e sem restringir-se à questão medicamentosa e patológica (Morais, 2009).

Pereira, Ponte e Costa (2018) verificaram “que quanto maior a atitude negativa face ao envelhecimento, maiores são as atitudes negativas face à sexualidade na terceira idade” (p. 31). Os autores identificaram também que “os preditores das atitudes negativas face à sexualidade na terceira idade foram a idade mais elevada e as atitudes negativas face ao envelhecimento” (p. 31).

Apesar de se reconhecer os complexos aspectos “biopsicossociais” (expressão recorrente em vários textos gerontológicos) da sexualidade após os 60 anos, de maneira geral, propõem-se intervenções individuais para os idosos e não mudanças sociais, caracterizando mais um locus de reprivatização do envelhecimento. (Silva, Marques, & Lyra-da-Fonseca, 2009, p. 301)

Com base nestes resultados apontam como estratégia interventiva a implantação de ações junto da população com informações sobre o envelhecimento como forma de modificar as atitudes negativas acerca da sexualidade na terceira idade (Pereira et al., 2018). Outra estratégia eficaz ocorre com a “construção de políticas sociais para o idoso, considerando a ampliação de sua autonomia e independência no mundo social, bem como serviços de suporte aos cuidadores familiares” (Mafra, 2011, p. 362). Estudos que identificam a representação social sobre o idoso construída por adolescentes também são relevantes para prevenção do ageísmo, uma vez que fornecem subsídio para a elaboração de políticas de saúde, auxiliam na orientação de medidas direcionadas a idosos e aos aspectos do envelhecimento humano como por exemplo a pesquisa desenvolvida por Santos, Tura e Arruda (2011).

Vale acrescentar que o contraste de valores também ocorre no nível social dos contextos de trabalho, deste modo autores consideram a importância da implantação de atividades intergeracionais nos ambientes laborais (Castel et al., 2016). De acordo com França, Siqueira-Brito, Valentini, Vasques-Menezes e Torres (2017) “a mensuração das atitudes preconceituosas pode colaborar para a construção de um ambiente de trabalho mais inclusivo visando possibilitar que os trabalhadores mais velhos continuem participando do mercado, caso desejem” (p. 775).

Considerações finais

Os estudos analisados evidenciaram a prevalência de estereótipos negativos de idosos que estão associados à velhice, dependência, falta de autonomia, doença, institucionalização ao declínio social. No que diz respeito aos estereótipos positivos, surgem relacionados às conotações positivas da sabedoria e do legado da tradição e da memória. Estas imagens prototípicas positivas são consideradas importantes para o aumento da aceitação, e integração do idoso nos grupos sociais, sendo assim, contrárias ao ageismo que impele os idosos para a segregação, por meio da discriminação.

Em vários estudos foram apresentadas críticas ao discurso político internacional e nacional veiculado ao conceito de Envelhecimento Ativo, pelo fato de induzir a manutenção dos idosos na participação cívica, política e econômica o mais possível. No que tange às estratégias protetivas, a temática versou em destaque para importância de criação de programas e espaços interacionais como forma de manter o idoso na convivência social, um dos principais alicerces para o bem-estar nesta fase da vida.

Esta pesquisa possui limitações pelo fato de ser utilizada uma única base de dados. Como indicações para futuros estudos, poderiam ser ampliadas as buscas, incluindo outros descritores em outras bases de dados.

Contribuições dos autores

Cervera, D. M. B. realizou a pesquisa bibliográfica na base de dados, selecionou os artigos de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, analisou dados e participou da elaboração final do artigo. Schmidt, M. L. G. orientou o projeto de pesquisa na base de dados, participou das análises dos artigos selecionados e da elaboração final do artigo.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística etc.).

Indexadores

A Revista Psicologia, Diversidade e Saúde é indexada no [EBSCO](#), [DOAJ](#) e [LILACS](#).



Referências

- Alcover, C.-M. (2012). ¿Ageism en las organizaciones?: el papel mediador del apoyo organizacional percibido en las relaciones entre la edad y la ruptura del contrato psicológico [Ageismo nas organizações?: o papel mediador do apoio organizacional percebido nas relações entre a idade e a ruptura do contrato psicológico]. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 12(3), 299-313. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572012000300005
- Almeida, E. A., Madeira, G. D., Arantes, P. M. M., & Alencar, M. A. (2010). Comparação da qualidade de vida entre idosos que participam e idosos que não participam de grupos de convivência na cidade de Itabira-MG. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 435-443. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232010000300010>
- Andrade, A. N., Nascimento, M. M. P., Oliveira, M. M. D., Queiroga, R. M., Fonseca, F. L. A., Lacerda, S. N. B., & Adami, F. (2014). Percepção de idosos sobre grupo de convivência: estudo na cidade de Cajazeiras-PB. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 17(1), 39-48. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232014000100005>
- Araújo, L., Sá, E. C. N., & Amaral, E. B. (2011). Corpo e velhice: um estudo das representações sociais entre homens idosos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(3), 468-481. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300004>
- Araújo, L. F., Amaral, E. B., Sá, E. C. N., Azevedo, R. L. W., & Lobo Filho, J. G. (2012). Violência contra pessoa idosa: representações sociais entre adolescentes do arquipélago de Fernando de Noronha-PE. *Psicologia & Sociedade*, 24(1), 104-111. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000100012>

- Bastos, C. C., Closs, V. E., Pereira, A. M. V. B., Batista, C., Idalêncio, F. A., De Carli, G. A., Gomes, I., & Schneider, R. H. (2012). Importância atribuída ao sexo por idosos do município de Porto Alegre e associação com a autopercepção de saúde e o sentimento de felicidade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 15(1), 87-95. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232012000100010>
- Batistoni, S. S. T., & Namba, C. S. (2010). Idade subjetiva e suas relações com o envelhecimento bem-sucedido. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 733-742. <https://www.scielo.br/j/pe/a/LSftMXJcGmKncjvLs5DpKb/?lang=pt>
- Burnes, D., Sheppard, C., Henderson, C. R. Jr., Wassel, M., Cope, R., Barber, C., & Pillemer, K. (2019). Interventions to reduce ageism against older adults: a systematic review and meta-analysis [Intervenções para reduzir o ageísmo contra idosos: uma revisão sistemática e meta-análise]. *American Journal of Public Health*, 109(8), e1-e9. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2019.305123>
- Casséte, J. B., Silva, L. C., Felício, E. E. A. A., Soares, L. A., Morais, R. A., Prado, T. P., & Guimarães, D. A. (2016). HIV/AIDS em idosos: estigmas, trabalho e formação em saúde. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(5), 733-744. <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150123>
- Castel, P., Velandia-Coustol, C. R., Mangin, F., Peteuil, A., Jegu, M., & Lacassagne, M.-F. (2016). The relationship between junior and senior nurses: analysis of a case of intergenerational discrimination using the RepMut tool [A relação entre enfermeiros juniores e seniores: análise de um caso de discriminação intergeracional utilizando a ferramenta RepMut]. *Universitas Psychologica*, 15(4). <https://doi.org/10.11144/Javeriana.upsy15-4.rjsn>
- Castro, G. G. S. (2016). O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galáxia (São Paulo)*, (31), 79-91. <https://doi.org/10.1590/1982-25542016120675>
- Combinato, D. S., Vecchia, M. D., Lopes, E. G., Manoel, R. A., Marino, H. D., Oliveira, A. C. S., & Silva, K. (2010). "Grupos de conversa": saúde da pessoa idosa na estratégia saúde da família. *Psicologia & Sociedade*, 22(3), 558-568. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000300016>
- Couto, M. C. P. P., Koller, S. H., Novo, R., & Soares, P. S. (2009). Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro: ageísmo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(4), 509-518. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000400006>
- Crocker, C., & Major, B. (1989). Social stigma and self-esteem: the self-protective properties of stigma [Estigma social e autoestima: as propriedades autoprotetoras do estigma]. *Psychological Review*, 96(4), 608-630. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.96.4.608>
- Daniel, F., Antunes, A., & Amaral, I. (2015). Representações sociais da velhice. *Análise Psicológica*, 33(3), 291-301. <https://doi.org/10.14417/ap.972>
- Daniel, F., Caetano, E., Monteiro, R., & Amaral, I. (2016). Representações sociais do envelhecimento ativo num olhar genderizado. *Análise Psicológica*, 34(16), 353-364. <https://doi.org/10.14417/ap.1020>
- Daniel, F., Simões, T., & Monteiro, R. (2012). Representações sociais do envelhecer no masculino e do envelhecer no feminino. *Ex aequo*, (26), 13-26. http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000200003
- Dionigi, R. A. (2015). Stereotypes of aging: their effects on the health of older adults [Estereótipos do envelhecimento: seus efeitos na saúde dos idosos]. *Journal of Geriatrics*, 2015, ID 954027. <https://doi.org/10.1155/2015/954027>
- Ferreira, M. A. S., & Alves, V. P. (2011). Representação social do idoso do Distrito Federal e sua inserção social no mundo contemporâneo a partir da Internet. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(4), 699-712. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000400009>
- Ferreira, O. G. L., Maciel, S. C., Silva, A. O., Sá, R. C. N., & Moreira, M. A. S. P. (2010). Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo. *Psico-USF*, 15(3), 357-364. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000300009>
- Ferreira, V. H. S., Leão, L. R. B., & Faustino, A. M. (2020). Ageísmo, políticas públicas voltadas para população idosa e participação social. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (42), e2816. <https://doi.org/10.25248/reas.e2816.2020>
- Fortes-Burgos, A. C. G., Neri, A. L., & Cupertino, A. P. F. B. (2009). Eventos de vida estressantes entre idosos brasileiros residentes na comunidade. *Estudos de Psicologia*, 14(1), 69-75. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2009000100009>
- França, L. H. F. P., Silva, A. M. T. B., & Barreto, M. S. L. (2010). Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 519-531. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232010000300017>
- França, L. H. F. P., Siqueira-Brito, A. R., Valentini, F., Vasques-Menezes, I., & Torres, C. V. (2017). Ageísmo no contexto organizacional: a percepção de trabalhadores brasileiros. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(6), 765-777. <https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.170052>

- Freeman, A. T., Santini, Z. I., Tyrovolas, S., Rummel-Kluge, C., Haro, J. M., & Koyanagi, A. (2016). Negative perceptions of ageing predict the onset and persistence of depression and anxiety: findings from a prospective analysis of the Irish Longitudinal Study on Ageing (TILDA) [Percepções negativas do envelhecimento predizem o início e a persistência de depressão e ansiedade: achados de uma análise prospectiva do Irish Longitudinal Study on Aging (TILDA)]. *Journal of Affective Disorders*, 199, 132-138. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2016.03.042>
- Goldani, A. M. (2010a). "Ageísmo" no Brasil: o que significa? quem pratica? o que fazer com isto? *Revista Brasileira de Estudos Populares*, 27(2), 385-405. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982010000200009>
- Goldani, A. M. (2010b). Desafios do "preconceito etário" no Brasil. *Educação & Sociedade*, 31(111), 411-434. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000200007>
- Guedes, M. H. M., Guedes, H. M., & Almeida, M. E. F. (2011). Efeito da prática de trabalhos manuais sobre a autoimagem de idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(4), 731-742. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000400012>
- Gutiérrez, M., & Mayordomo, T. (2019). Age discrimination: a comparative study among university students [Discriminação por idade: um estudo comparativo entre estudantes universitários]. *Acta Colombiana de Psicología*, 22(2), 62-69. <https://doi.org/10.14718/acp.2019.22.2.4>
- Levy, B. (1996). Improving memory in old age by implicit self-stereotyping [Melhorando a memória na velhice por auto-estereotipagem implícita]. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(6), 1092-1107. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.71.6.1092>
- Levy, B., Ashman, O., & Dror, I. (2000). To be or not to be: the effects of aging stereotypes on the will to live [Ser ou não ser: os efeitos dos estereótipos do envelhecimento na vontade de viver]. *OMEGA*, 40(3), 409-420. <https://doi.org/10.2190/Y2GE-BVYQ-NF0E-83VR>
- Levy, B., & Banaji, M. R. (2002). Implicit ageism [Ageísmo implícito]. In T. D. Nelson (Ed.), *Ageism: stereotyping and prejudice against older persons* [Ageísmo: estereótipos e preconceito contra pessoas idosas] (pp. 49-75). Cambridge, MA: The MIT Press.
- Levy, B., & Langer, E. (1994). Aging free from negative stereotypes: successful memory in China among the American deaf [Envelhecer livre de estereótipos negativos: memória de sucesso na China entre os surdos americanos]. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(6), 989-997. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.66.6.989>
- Mafra, S. C. T. (2011). A tarefa do cuidar e as expectativas sociais diante de um envelhecimento demográfico: a importância de ressignificar o papel da família. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(2), 353-363. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000200015>
- Mantovani, E. P., Lucca, S. R., & Neri, A. L. (2016). Associações entre significados de velhice e bem-estar subjetivo indicado por satisfação em idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(2), 203-222. <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150041>
- Marques, S., Batista, M., & Silva, P. A. (2012). A promoção do envelhecimento ativo em Portugal: preditores da aceitação de um chefe mais velho. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 2, 53-73. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=426539987005>
- Martins, R. M. L., & Rodrigues, M. L. M. (2004). Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica. *Millenium*, (29), 249-254. <https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/576/1/Estere%C3%B3tipos%20sobre%20idosos.pdf>
- Morais, O. N. P. (2009). Grupos de idosos: atuação da psicogerontologia no enfoque preventivo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(4), 846-855. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000400014>
- Pereira, D., Ponte, F., & Costa, E. (2018). Preditores das atitudes negativas face ao envelhecimento e face à sexualidade na terceira idade. *Análise Psicológica*, 1(36), 31-46. <https://doi.org/10.14417/ap.1341>
- Pinquart, M. (2002). Good news about the effects of bad old-age stereotypes [Boas notícias sobre os efeitos dos maus estereótipos da velhice]. *Experimental Aging Research*, 28(3), 317-336. <https://doi.org/10.1080/03610730290080353>
- Resende, M. C., Ferreira, A. A., Naves, G. G., Arantes, F. M. S., Roldão, D. F. M., Sousa, K. G., & Abreu, S. A. M. (2010). Envelhecer atuando: bem-estar subjetivo, apoio social e resiliência em participantes de grupo de teatro. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(3), 591-608. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000900010>
- Resende, M. C., & Neri, A. L. (2009). Ajustamento psicológico e perspectiva de velhice pessoal em adultos com deficiência física. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 767-776. <https://www.scielo.br/j/pe/a/QtPjLQLDGTWjwNXRs6Gf5js>
- Rizzolli, D., & Surdi, A. C. (2010). Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(2), 225-233. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232010000200007>

- Roncon, J., Lima, S., & Pereira, M. G. (2015). Qualidade de vida, morbidade psicológica e stress familiar em idosos residentes na comunidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), 87-96. <https://doi.org/10.1590/0102-37722015011637087096>
- Rozendo, A. S. (2016). Ageísmo: um estudo com grupos de terceira idade. *Revista Kairós Gerontologia*, 19(3), 79-89. <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/31558>
- Rudman, D. L. (2015). Situating occupation in social relations of power: occupational possibilities, ageism and the retirement 'choice' [Situando a ocupação nas relações sociais de poder: possibilidades ocupacionais, ageísmo e a 'escolha' da aposentadoria]. *South African Journal of Occupational Therapy*, 45(1), 27-33. http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2310-38332015000100005
- Salgado, A. G. A. T., Araújo, L. F., Santos, J. V. O., Jesus, L. A., Fonseca, L. K. S., & Sampaio, D. S. (2017). Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. *Ciências Psicológicas*, 11(2), 155-163. http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1688-42212017000200155&lng=pt&nrm=i&so&tlng=pt
- Santos, M. D., Silva, M. F., Vellozo, L. A., & Pompeu, J. E. (2017). Falta de acessibilidade no transporte público e inadequação de calçadas: efeitos na participação social de pessoas idosas com limitações funcionais. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(2), 161-174. <https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.160090>
- Santos, V. B., Tura, L. F. R., & Arruda, A. M. S. (2011). As representações sociais de pessoa velha construídas por adolescentes. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(3), 497-509. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000300010>
- São José, J., & Teixeira, A. R. (2014). Envelhecimento ativo: contributo para uma discussão crítica. *Análise Social*, 49(210), 28-54. http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_210_a02.pdf
- Schuck, L. M., & De Antoni, C. (2018). Resiliência e vulnerabilidade nos sistemas ecológicos: envelhecimento e políticas públicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, e3442. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3442>
- Serra, J. N. (2010). Violência simbólica contra os idosos: forma sigilosa e sutil de constrangimento. *Revista de Políticas Públicas*, 14(1), 95-102. <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/357>
- Silva, H. S., & Junqueira, P. G. (2013). Reflexões e narrativas (auto) biográficas sobre as relações intergeracionais: resultados de uma intervenção socioeducativa com mulheres idosas. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 559-570. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000300010>
- Silva, L. C., Felício, E. E. A. A., Casséte, J. B., Soares, L. A., Morais, R. A., Prado, T. S., & Guimarães, D. A. (2015). Impacto psicossocial do diagnóstico de HIV/AIDS em idosos atendidos em um serviço público de saúde. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 18(4), 821-833. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2015.14156>
- Silva, V. X. L., Marques, A. P. O., & Lyra-da-Fonseca, J. L. C. (2009). Considerações sobre a sexualidade dos idosos nos textos gerontológicos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 12(2), 295-303. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2009.120213>
- Sousa, A. C. S. N., Lodovici, F. M. M., Silveira, N. D. R., & Arantes, R. P. G. (2014). Alguns apontamentos sobre o idadismo: a posição de pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 19(3), 853-877. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.50435>
- Sousa, L., & Ribeiro, A. P. (2013). Prestar cuidados de enfermagem a pessoas idosas: experiências e impactos. *Saúde e Sociedade*, 22(3), 866-877. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902013000300019>
- Teixeira, S. M. O., Souza, L. E. C., & Maia, L. M. (2018). Ageísmo institucionalizado: uma revisão teórica. *Revista Kairós Gerontologia*, 21(3), 129-149. <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/41448>
- Torres, T. L., Camargo, B. V., & Bousfield, A. B. S. (2016). Estereótipos sociais do idoso para diferentes grupos etários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(1), 209-218. <https://doi.org/10.1590/0102-37722016012114209218>
- Uchôa, Y. S., Costa, D. C. A., Silva Junior, I. A. P., Silva, S. T. S. E., Freitas, W. M. T. M., & Soares, S. C. S. (2016). A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(6), 939-949. <https://doi.org/10.1590/1981-22562016019.150189>

- Vieira, A. S., & Mello-Carpes, P. B. (2013). Processo de envelhecimento: percepções de docentes da rede básica de educação do município de Uruguaiana-RS. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 16(4), 705-712. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232013000400005>
- Vieira, R. S. S., & Lima, M. E. O. (2015). Estereótipos sobre os idosos: dissociação entre crenças pessoais e coletivas. *Temas em Psicologia*, 23(4), 947-958. <https://doi.org/10.9788/TP2015.4-11>
- Wanderbroocke, A. C., & Moré. C. (2012). Significados de violência familiar para idosos no contexto da atenção primária. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(4), 435-442. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000400010>
- Wentura, D., Dräger, D., & Brandtstädter, J. (1997). Altersstereotype im frühen und höheren erwachsenenalter: analyse akkommodativer veränderungen anhand einer satzpriming-technik [Estereótipos de envelhecimento no início e no final da idade adulta: análise de mudanças acomodativas usando uma técnica de priming de sentença]. *Zeitschrift für Sozialpsychologie*, 28(1-2), 109-128.
- Zanon, C. B. F. M., Alves, V. P., & Cardenas, C. J. (2011). Como vai a educação gerontológica nas escolas públicas do Distrito Federal?: um estudo com idosos e jovens. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(3), 555-566. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000300015>